

INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL E ECOTURISMO DE BASE LOCAL – A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO NAS MEMÓRIAS DO DELTA DO PARNAÍBA

José Pedro Da Ros¹

RESUMO

Esta pesquisa traduz uma forma de buscar, nas memórias de moradores/as emblemáticos das comunidades locais, subsídios que valorizem o patrimônio natural e cultural da região. Memórias que se constituam como pilares importantes para a construção de projetos que reconheçam a perspectiva da interpretação ambiental como algo significativo à consolidação do ecoturismo de base local na Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba (CE, PI, MA). Com o auxílio de alguns recursos metodológicos ligados a pesquisa em história oral, foi/será possível coletar e sistematizar determinadas histórias da região, que retratem as singularidades do local. Acredita-se que o desenvolvimento de um turismo que protagonize a história e valores da comunidade pode ser uma alternativa de transformação das iniciativas turísticas predatórias das realidades locais.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA ORAL. INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL. ECOTURISMO DE BASE LOCAL.

¹ Doutor em Desenvolvimento Turístico Sustentável pela Universidade de Málaga (UMA - Espanha). Professor Adjunto do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPI – Parnaíba. E-mail: ros@ufpi.edu.br

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Como ponto de partida, para o presente artigo, destaca-se que a qualificação do principal problema a ser abordado, centra-se no estabelecimento de relações do conceito de interpretação ambiental com algumas questões significativas à história oral como a recuperação de memórias que caracterizam um lugar como único em suas singularidades para o turismo.

Pretende-se, com esta publicação, fazer referência a uma proposta de pesquisa que já possui muitos dados coletados e que inicia, neste momento, uma ampliação e aprofundamento visando à implantação a médio e longo prazo de práticas do ecoturismo de base local envolvendo ensino, pesquisa e extensão com alunos do Curso de Turismo da UFPI.

O Delta do Parnaíba é uma área federal protegida por lei, que pertence ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Trata-se de uma Área de Proteção Ambiental (APA). Esta região encontra-se dentro de um roteiro turístico integrado denominado Rota das Emoções, eleito pelo Ministério do Turismo brasileiro no ano de 2009 como o melhor roteiro do País. Este roteiro concentra a maior parte do fluxo turístico que recebe em seus dois Parques Nacionais em suas extremidades e um modesto fluxo para a APA Delta do Parnaíba. Outro ponto que merece reflexão é que esta região Deltaica concentra uma população de baixa renda, extrativista com foco na cata do caranguejo Uçá, carente de oportunidades, com baixo IDH e que vive a margem dos reais benefícios provenientes das práticas turísticas, que se concentram nas mãos de alguns empresários de outros locais.

Por outro lado as potencialidades para um tipo de turismo mais sustentável são inúmeras no local e são hoje em dia timidamente exploradas. Acredita-se que se houver investimento em projetos de cunho educacional com atividades de interpretação ambiental dos chamados atrativos naturais pautados nas contribuições das histórias

guardadas na memória de seus moradores (as) mais emblemáticos (as), muito há o que se colher em termos de resultados positivos. Tanto para os moradores da região como para o próprio turista, uma vez que a atualidade registra uma procura muito intensa por parte destes últimos em vivências autênticas e experiências únicas.

O presente artigo explicita, assim, o objetivo da pesquisa que é o de conhecer as memórias de determinados moradores (as) emblemáticos da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba (CE, PI, MA) com a finalidade de valorizar o patrimônio natural e cultural como subsídio à interpretação ambiental no desenvolvimento do ecoturismo de base local.

Trata-se do início de uma pesquisa de longa duração que tem como meta identificar e registrar antigos moradores (as) emblemáticos (as) - tendo como critérios básicos a idade e a indicação da maioria da comunidade - que possuam memórias vivas sobre o patrimônio natural e cultural de dezenove (19) comunidades dentro da APA Delta do Parnaíba.

Além disso, “cotejar” os depoimentos (sentidos atribuídos ao relatado) destes moradores (as) emblemáticos com os sentidos atribuídos pelos moradores (as) mais recentes, filhos (as), netos (as)...

História que frequentemente não está escrita, passada de pais para filhos, de avós para netos, por tradições orais e que muitas vezes parece com seus protagonistas. Ressaltar, pelas indicações dos novos sentidos atribuídos pela população mais jovem, as formas que tais fatos e vivências socioculturais anteriores se fazem presente na dinâmica da vida da comunidade, hoje, e que futuros podem apontar em termos de turismo de base local.

Pretende-se envolver alunos de, pelo menos, quatro (4) semestres consecutivos, matriculados em disciplinas especificamente ligadas ao tema. Os alunos pesquisadores serão beneficiados não só em sua formação profissional, mas como pessoas que possuem suas raízes nestes locais ou próximos a eles.

Ainda aspira-se publicar um volume contendo as memórias, os sentidos hoje atribuídos a elas e as possibilidades de turismo de base local.

Também se almeja catalogar todo o “material” recolhido compondo um acervo a ser exposto na UFPI, uma vez que o mesmo pode constituir o grande diferencial para o desenvolvimento turístico, pois estes elementos é que tornam o local único no mundo e podem agregar valor à experiência do visitante, além de favorecer a interação com o meio ambiente e sua comunidade via a interpretação ambiental.

SOBRE A METODOLOGIA

Esta pesquisa será direcionada com base na análise qualitativa, uma vez que “permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 1999, p.42).

Será realizada mediante utilização de recursos da História Oral (HO) através, fundamentalmente, do desenvolvimento de entrevistas, registro das narrativas e da observação/interação dos pesquisadores com os sujeitos e “fenômenos” sociais em seu *locus* de produção. Para Meihy (2002, p. 44) “as entrevistas precisam ser ressaltadas como o nervo da pesquisa. Os resultados devem ser efetivados com base nelas”.

As entrevistas enfocarão as formas que as antigas lutas pela conquista da posse das terras caracterizaram os contornos físicos e culturais de tais locais produzindo sentidos muito particulares aos mesmos. Também, nomes e contos relacionados a espécies da fauna e flora local, lendas da região, fabricação de canoas com carpinteiros navais com tecnologia local, músicas, instrumentos musicais artesanais, práticas relacionadas à produção de recursos técnicos imprescindíveis à sobrevivência em diferentes tempos de seus cotidianos, processos educativos (práticas da maternagem, brinquedos e brincadeiras, as formas de organização do ensino das “primeiras letras” e conhecimentos e saberes posteriores - quem ensinava quem e o que...), a construção das lideranças mais democráticas ou autoritárias produzidas pela própria comunidade e produtoras de si, entre outros aspectos que se mostram/mostrarem significativos.

Considerada uma prática moderna e dinâmica, a História Oral se torna de difícil definição podendo ser, genericamente, entendida como: “[...] uma prática de sistematização e apresentação de narrativas [...] feita por meio do uso de meios

eletrônicos e destinada a recolher testemunhos [...] que podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural” (MEIHY, 2002, p. 13). Assim, os depoimentos obtidos com alguns de seus recursos metodológicos serão considerados como o ponto de centralidade dessa pesquisa. Aos depoimentos serão anexados, como auxiliares importantes à história oral local, todo e qualquer documento escrito, fotografias ou mesmo objetos fornecidos pelos entrevistados. Como já se ressaltou, todos os documentos e objetos comporão o acervo de exposições e farão parte de laboratórios de estudos e pesquisas, com sede na UFPI.

Os conhecimentos populares, o saber mais espontâneo, os conceitos advindos da prática como fruto de observações e vivências das consideradas pessoas comuns, podem ser sistematizados com os recursos da HO, que visa trazer ao campo da ciência o saber tradicional que não está registrado em livros ou outras fontes senão nas memórias. Da mesma forma e tendo um referencial claro, contribui para esclarecer questões que tenham a ver com “lugar a partir do qual pensamos a construção do conhecimento” (ZEMELMAN, 2006, p.459).

Nesse sentido, se para Meihy (2002, p.20) “a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social, e nesse sentido está ligada ao direito de cidadania”, pode-se admitir que a HO privilegie as ditas pessoas comuns já que “a história é construída em torno de pessoas” e “admite heróis vindo não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p. 44).

Dessa forma, a utilização de algum recurso da HO, juntamente com outro conjunto de ações, pode deflagrar e amparar processos de mudanças, principalmente, sociais, tentando se aproximar nas pesquisas que se realiza neste sentido, o mais perto possível de uma ciência “comprometida com as pessoas, capaz de deixar de ser patrimônio e instrumento de uns quantos, para se converter em catalisador dessa vida decente que propõe Boaventura de Souza Santos [...]” (COCHO, GUTIÉRREZ, MIRAMONTES, 2006, p. 209).

Por um longo período, muitas histórias da luta cotidiana na produção do viver de homens e mulheres foram marginalizadas da história oficial, suas vozes não se ouviam e suas vidas eram como que ignoradas. Diante disso, “a história oral responde à

necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram os dilemas e as benesses da vida no presente [...]” (MEIHY, 2002, p 20).

É preciso considerar que todas estas histórias não estão fossilizadas e inertes, mas que possuem uma força dinâmica como partícipes da feitura da vida no presente. Assim, mesmo que expressas em sua forma quase original nas narrativas, elas estão sujeitas, sempre, a novos sentidos atribuídos tanto pelos antigos moradores do lugar como pelos novos, incluindo as crianças. Revisitá-las com o necessário distanciamento voltado a acabamentos (BAKHTIN, 2003) também e sempre dinâmicos, pode apontar novos futuros para a experiência de pessoas e de grupos. Por isto a HO é uma história viva.

Pretende-se que os objetivos sejam alcançados inicialmente por meio de consultas a bibliografias e materiais da internet e depois com visitas e interação com moradores emblemáticos da região para realização de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas para coleta destas histórias. Posteriormente a transcrição destes relatos e tratamento analítico para que fiquem na forma de textos científicos. Para finalizar identificar nestes materiais subsídios para a construção de elementos que possam auxiliar o desenvolvimento do ecoturismo de base local valorizando o patrimônio cultural da região, associando-os as possibilidades de realização de atividades que envolvem interpretação ambiental. Isto significa, portanto, que o “material” coletado não será apresentado somente como tal, mas passará por todo um processo de interpretação e compreensão dos sentidos que ganharam no passado e que ganham no presente, podendo “ditar”, também, rumos para algumas ações futuras.

Participarão ativamente desta empreitada não só os pesquisadores docentes, mas os alunos pesquisadores e os sujeitos depoentes dos locais pesquisados, bem como outras pessoas que colaborarão na compreensão da forma como estas histórias interferem no presente e podem apontar novos futuros (sustentabilidade ou predação do patrimônio?). A devolução e reelaboração conjunta deste “material” é ponto fundamental a ser honrado neste trabalho.

Antes de iniciar a pesquisa propriamente dita serão realizadas oficinas com os discentes envolvidos para discutir sobre os recursos metodológicos advindos da História Oral (compreender a importância da escuta, ou de que o entrevistador nunca é neutro, por exemplo). Depois, estudar sobre a bibliografia existente, averiguar boas práticas e entender seu possível auxílio para o desenvolvimento do ecoturismo de base local e Interpretação Ambiental. Em seguida fazer saídas de campo para definição de entrevistados. Visita técnica para coleta de relatos (e outros “materiais”) com entrevistados. Transcrever áudios das entrevistas. Analisar relatos identificando pontos importantes, em reuniões coletivas com participação imprescindível de “velhos” e “novos” moradores. Elaborar as discussões e conclusões pertinentes e realizar as publicações dos resultados finais. Propor roteiros ou trilhas interpretativas destacando os elementos fundamentais para a Interpretação Ambiental, propostas tanto de visitas guiadas (com informações padronizadas sobre os pontos sistematizados), quanto autoguiadas (com material impresso como folders, painéis e placas interpretativas).

QUESTÕES TEÓRICAS E CONSIDERAÇÕES

As preocupações sobre a conservação das especificidades locais como forma de combater a padronização dos lugares, transformando-os no que os estudiosos dizem por, não-lugares (AUGÉ, 1994), têm recebido um lugar de destaque nas discussões institucionais. Diante disso, as concepções sobre o ecoturismo de base local ou Comunitária devem, antes de propor esse modelo de turismo, conhecer e fortalecer a base local, pois o desenvolvimento de qualquer atividade, seja ela turística ou não, implica na aceitação e engajamento da comunidade.

Nesse sentido, não existe desenvolvimento local se a comunidade está ausente deste processo. Assim, os atrativos naturais só vão ser capazes de atrair turistas se forem somados aos aspectos culturais locais. E esse é o grande desafio, pois as comunidades tradicionais ficam vulneráveis as ações externas e nem sempre conseguem enfrentar as situações postas. E dessa forma, ultimam por não se posicionarem e tornam-se passivos (fortalecendo sua própria exclusão) das atividades ali executadas,

pois, aos poucos seus traços originários vão sendo substituídos por outros que não têm identidade com a localidade ou que contribuam para a formação de uma nova identidade somente empresarial, muitas vezes destrutiva dos bens simbólicos (histórico, cultural) do local. Como questiona Padiglione (2012), os mesmos constituem “um passado a esquecer, ou um bem cultural?”. Nesse sentido, as comunidades do Delta do Parnaíba, e a preocupação necessária que se deve ter com as transformações que um turismo desordenado apresenta, podem reagir como forma de defender os traços que a identificam. Nesse sentido, Meihy (2002, p. 73) aponta que “a identidade [...] é um fator original redefinido mediante uma herança cultural submetida a situações desafiadoras”. Assim, fica esclarecido que o termo identidade nesta pesquisa não coincide com o idêntico, com o mesmo imutável e rígido que rotula, mas como algo em constante redefinição (acabamentos estéticos, dinâmicos e não fechamento, segundo Bakhtin (2003)).

Introduzir uma prática de ecoturismo na localidade requer também o entendimento de que esta atividade não é a salvação para os problemas socioambientais e econômicos locais. Nesse sentido, o ecoturismo direcionado pela base local se mostra como uma alternativa de conservação ambiental e cultural e de incremento da renda através da prestação de serviços pelos próprios moradores/as. Assim, seu objetivo não deve ser o de substituir outras atividades ou tornar a comunidade dependente, unicamente, desta prática.

As raízes do ecoturismo de base local vão mais além, uma vez que visam promover o contato direto com culturas diferentes e, conseqüentemente, a troca entre costumes e saberes entre visitantes e comunidade receptora. Nesse sentido, o ecoturismo de base local também pode contribuir para a construção da identidade local, mas, essa troca tem que ser benéfica para ambas às partes.

Assim sendo, as histórias coletadas no Delta do Parnaíba registrarão fatos e experiências importantes que devem ser conservados tanto para que as gerações futuras tenham acesso a elas, deem continuidade as mesmas, se for o caso, como para embasar propostas de ecoturismo de base local, visando auxiliar na conservação e manutenção de seus aspectos culturais e socioambientais.

Como importante ferramenta para o desenvolvimento do ecoturismo, principalmente no que se referem à formatação das chamadas trilhas interpretativas, com muita potencialidade educacional/ecoturístico e baixo custo, surge a Interpretação Ambiental (IA), que se valorizará de forma significativa, na perspectiva da presente pesquisa com a contribuição da história oral.

Primeiramente definida por Freeman Tilden em 1957 a IA foi entendida como atividade educacional como o objetivo de revelar os significados, as relações ou os fenômenos naturais, por intermédio de experiências práticas e meios interpretativos, ao invés da simples comunicação de dados e fatos (TILDEN, 1957 *apud* SALVATI, 2001; HAM, 1992).

De acordo com a pesquisadora Jasmine Moreira (2008) a IA agrega valor a satisfação do visitante e auxilia na sua conscientização, além de contribuir para a obtenção dos objetivos inseridos no Plano de Manejo das Unidades de Conservação conciliando recreação com educação. Dessa forma a IA agrega conhecimentos à “apreciação da natureza”, funciona como uma espécie de tradução da linguagem considerada como mais técnica, para um público em geral. Vale lembrar que, para além do patrimônio natural, a IA, nesta perspectiva, faz referência à cultura e história local, valorizando sua constituição social. Desta forma é mediadora da interação do visitante com o local. Nesta interação deve ser considerado que tal visitante não é alguém passivo, mas como alguém que também pode compartilhar conhecimentos com os habitantes do local. Assim, ambos se enriquecem.

Nesse sentido destaca-se a ótica de Moreira (2008) que afirma que a IA “pode sensibilizar os turistas para que compreendam melhor o patrimônio natural e cultural em que estão envolvidos e o valorizem”. Da mesma forma concorda-se com Werner (1996), que explica que “devem ser oferecidas interpretações do patrimônio, não invenções ou deformações”. Afirmação que torna mais expressivo e justifica que estas memórias locais recebam um tratamento analítico e sejam coletadas com o recurso metodológico da história oral.

Ainda nesse sentido, Jorge (1998) afirma que a interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural e cultural aos visitantes, visto que

tal público tem o direito de desfrutar do patrimônio, sentindo-o, compreendendo-o e conseqüentemente apreciando-o e contribuindo para a sua conservação.

Neste contexto é importante ressaltar que o ecoturismo se mostra como alternativa viável tanto economicamente como quanto incentivador da conservação ambiental e cultural e pode ser entendido como: “Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (BRASIL, 1994, p. 19). Essencialmente, o termo ecoturismo se apresenta como atividade que respeita os aspectos locais sendo considerado, por sua natureza, como responsável. Deu origem a outras terminologias como “turismo comunitário”, “solidário”, “de conservação” e, mais recente “ecoturismo de base local” que pode ser entendido como ramo da atividade turística que pretende promover a conservação e o respeito das especificidades locais através de atividades ofertadas e geridas pela comunidade local.

O ecoturismo de base local não se restringe apenas ao gerenciamento dos benefícios materiais oriundos da atividade, mas se baseia essencialmente na própria pessoa humana. A participação da população local em todo processo de desenvolvimento que vai do planejamento à ação, mesmo que garanta melhorias na qualidade de vida das pessoas, não é suficiente para garantir a continuidade do processo (MARTINS, 2002). Assim, o desenvolvimento local é efetivo quando a própria comunidade conduz o processo de desenvolvimento e alcança o bem-estar, como sugere Martins (2002): “O verdadeiro diferencial do desenvolvimento local não se encontra em seus objetivos (bem-estar, qualidade de vida, endogenia, sinergias, etc.), mas na postura que atribui e assegura à comunidade o papel de agente e não apenas de beneficiária do desenvolvimento”. Deste modo a comunidade se beneficia efetivamente do desenvolvimento local quando se encontra no controle das práticas ali realizadas, sejam elas voltadas ao ecoturismo de base local ou mesmo às ações diárias de uso responsável dos recursos naturais disponíveis e cuidados com questões socioambientais como lixo, desmatamento e ocupação desordenada a fim de que a continuidade do processo de um

desenvolvimento mais sustentado (dentro das possibilidades e dos muitos limites próprios da sociedade atual) seja assegurado como direito de todos e todas.

ENVIRONMENTAL INTERPRETATION AND LOCALLY-BASED ECOTOURISM – THE VALUING HERITAGE OF MEMORIES OF THE DELTA THE PARNAÍBA

ABSTRACT

This research translates a way to search for sources that value the natural and cultural heritage in the area within the memories of remarkable inhabitants of local communities. Those memories are made up as the milestones for the construction of projects that recognize the perspective of environmental interpretation as something meaningful to the consolidation of locally-based ecotourism in the Environmentally Protected Area Delta of the Parnaíba (in the states of CE, PI, MA). With the help of some methodological resources connected to research in oral history, it will be possible to collect and systematize specific histories of the area that portrait, for instance, the very same cultural identity of the community and productive among themselves, besides other meaningful aspects. It is believed that the development of Tourism that features the history and values of the community can be an alternative to transformation of predatory touristic initiatives of local realities.

KEYWORDS: ORAL HISTORY. ENVIRONMENTAL INTERPRETATION. LOCALLY-BASED ECOTOURISM.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional do ecoturismo** – Coord. BARROS PENHA, Brasília: EMBRATUR, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COCHO, Germinal; GUTIÉRREZ, José L.; MIRAMONTES, Pedro. Ciência e humanismo, capacidade criadora e alienação. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. pp. 191-211.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAM, S. **Interpretacion ambiental: una guia pratica para gente com grandes ideas y presupuestos pequenos.** North. Am. Press: Colorado, USA, 1992.

JORGE, M. M. **La interpretación del patrimonio natural y cultural: todo un camino por recorrer.** In: Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, Año nº 6, Nº 25. Espanha. 1998, p. 150-157. Disponível em <<http://www.iaph.juntaandalucia.es/Dossiers/dossier1art7.html>> Acesso em Abril de 2007.

MARTINS, S. R. O. **Desenvolvimento Local:** questões conceituais e metodológicas. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 3, N. 5, Set. 2002. Universidade Católica Dom Bosco.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MOREIRA, Jasmine Cardozo. **Patrimônio geológico em Unidades de Conservação:** atividades interpretativas, educativas e geoturísticas. Tese apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no Programa de Pós-Graduação em Geografia em 2008. Disponível em: http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Pesquisa%20em%20UCs/resultados%20de%20pesquisa/19_07_Jasmine_Moreira.pdf > Acesso em outubro de 2014.

PADIGLIONE, Vincenzo. **Villagi di capanne nei Lepini - una prospettiva etnoarcheologica.** Roma: Edizioni Kappa, 2012.

SALVATI, S. **Interpretação da Natureza, Conceitos e Técnicas.** Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/ecosfera>>. Acesso em: 24 abr. 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WERNER, J. P. **La interpretación: un método dinámico para promover el uso social del patrimonio cultural y natural.** In: AA.VV: La difusión del patrimonio. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimônio Histórico. 1996.

ZEMELMAN, Hugo. Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Referência (NBR 6023/2002)

ROS, José Pedro da. Interpretação ambiental e ecoturismo de base local - a valorização do patrimônio nas memórias do Delta do Parnaíba. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3 (Número Especial), p. 10-22, 2014.